



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

## GOVERNO NÃO ALMEJA NEM TOLERA A DITADURA

### *Votos de Paz e Felicidade aos Camaradas das Forças Armadas*

DISCURSO PROFERIDO A 26 DE DEZEMBRO DE 1968, POR OCASIÃO DO ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS, EM HOMENAGEM AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA.

Conforme o vosso digno porta-voz soube captar muito bem — «este nosso encontro tem um simbolismo magnífico: Simboliza a força que resulta da união».

Por esse motivo, responsável que sou pela correta aplicação dessa força, sinto-me orgulhoso e honrado, tranqüilo e confiante. Orgulhoso e honrado por ser um de vós, alçado à primeira magistratura da Nação; tranqüilo e confiante pela certeza do vosso apoio e de com ele poder cumprir os meus sagrados deveres para com o povo brasileiro.

A confraternização das Forças Armadas é fato fácil de obter pela identidade profunda que as mesmas possuem no que tange aos ideais e à determinação revolucionária para alcançá-los; pelo mesmo e fecundo trabalho que elas realizam com extremada devoção cívica.

Nas Forças Armadas, no seu patriotismo, no espírito de disciplina e no devotamento que tem ditado as suas atitudes coletivas, é que repousa, em última análise, a segurança de que a Nação necessita para o seu livre desenvolvimento.

Conheço-as, nas suas grandezas e nas suas servidões, por ter vivido muito dentro delas e a seu serviço, e por testemunhar hoje, *no seu supremo comando*, o entusiasmo que as anima, e a sua plena integração, como fator decisivo de tranqüilidade e de ordem. Elas são a força insubstituível de desbravamento e de mobilidade social, no programa em que está empenhado o Governo para cumprir os verdadeiros e grandes objetivos da Revolução, com a conquista e o preparo do Brasil para dias mais felizes.

No meu discurso de 16 de março de 1967, por ocasião da 1ª reunião ministerial, quando procurei definir os rumos que imprimiria à Política Nacional, afirmei, sem jactância nem demagogia, que o Governo que se iniciava poderia não vir a ser um Governo popular, no mau sentido da expressão, mas seria, sem sombra de dúvida, um Governo para o povo, uma vez que o homem seria o centro das soluções de todos os problemas nacionais.

Porque entendi que a sociedade não existe sem o homem e o homem não deixa de ser a finalidade essencial da sociedade e, portanto, do Estado — tudo me propus a fazer pelo povo. Pela sua felicidade e pelo seu bem-estar.

A tarefa apresentou-se difficilima. De início, encontrei óbices enormes: conciliar as imprescindíveis necessidades de convívio democrático com as severas necessidades da Revolução.

Revolução que, havendo salvado o País da subversão, do despotismo e do caos, não podia ser posta de lado, como traste desgastado e envelhecido antes do tempo, perdida para sempre, de roldão com os esforços, os sacrifícios e os inúteis dispêndios das esperanças do povo.

Tive, desde logo, plena consciência das dificuldades que enfrentaria cada dia, em cada trecho do caminho. Entre elas, assumiu vulto de extrema gravidade o meu dever de prosseguir, sem desvios nem vacilações, na rota iniciada. Quero significar a obrigação, que me ocorre, como responsável pelo Governo, de manter o País entregue ao seu destino democrático e, ao mesmo tempo, resguardar e defender, denodadamente, todo o acervo das conquistas revolucionárias, evitando que tenhamos de enfrentar os mesmos riscos de 1964.

Desejo repetir-vos, ainda, palavras de 16 de março de 1967:

Estou seguro, no meu civismo de brasileiro e na minha responsabilidade de governante, de que me cabe impedir, por todos os meios, aquilo a que muitos aspiram, às claras ou sob capa de defender a democracia — a Restauração. Isso não ocorrerá, pois o Governo é um compromisso com a Revolução, nas suas idéias, nos seus princípios, na sua mentalidade.

A todos lembro que, de minha parte, declarei no meu discurso de agradecimento ao Congresso Nacional, no dia de minha eleição: «eis por que assumi com a Revolução um sagrado compromisso e, assim como fui um dos seus chefes, dela serei, no Governo, representante e delegado.»

Continuaremos o trabalho iniciado há quase 5 anos. Os métodos poderão ser outros, mas os objetivos os mesmos. Não descansaremos.

Como lograremos conformar e congraçar as duas faces de que a má-fé classificou de antinomia insolúvel — democracia e revolução?

Antes de tudo, acentuarei que já não se trata de optar entre democracia e revolução, mas de efetivar uma síntese entre os ideais de uma e as realizações da outra, sem as quais aquela haveria passado a ser apenas expressão histórica de um regime político perecido. Somente a ignorância que é irresponsável; a má-fé, que independe de convicções; a demagogia, que é «desde os tempos mais remotos o inimigo interno das sociedades livres»; e a impossível restauração, que é quimera de uns poucos, podem admitir a hipótese de uma opção entre o complexo de conquistas espirituais, morais e materiais da Revolução, e um regime sob o qual a Pátria deixaria de existir, e a autoridade e a ordem seriam substituídos pela tirania».

Governo sem autoridade não merece o nome que ostenta, e a autoridade não existe sem os meios que assegurem a sua afirmação. Esses meios só constituiriam perigo para a liberdade se exercidos sem cautela, sem prudência e sem sentimento público. Em tal caso, não apenas esses, mas quaisquer poderes são suscetíveis de transformar-se em armas perigosas. Não são as leis que fazem os déspotas e os tiranos, mas a tendência ou a vocação para a tirania e para o despotismo é que os cria e nutre.

A ordem é um pressuposto da liberdade. Mas não há ordem sem lei, e a essência do Estado reside no poder de impor a lei. E o povo brasileiro pode confiar em que o meu empenho constante e máximo será realizar um Governo no qual as aspirações de cada um venham a encontrar o seu instrumento de concretização. O imperativo da ordem corresponderá à vocação de liberdade do povo brasileiro.

Atentai para a atualidade das palavras proferidas naquela reunião ministerial. Elas, de um lado, demonstram como, naquela oportunidade, eu avaliava corretamente a problemática nacional; de outro lado explicam a coerência de minhas atitudes posteriores.

O Governo tentou o caminho da tolerância e recebeu em troca a intolerância. Experimentou a magnanimidade e passou por fraco. Procurou apoio político e viu-se traído pelo impatriotismo de não poucos.

Foi demais.

Diante de uma Guerra Revolucionária em marcha acelerada, com os episódios que estão na lembrança de todos: atentados terroristas; exploração de justos anseios e da pureza da mocidade; infiltração nos diversos setores da Nação, incluindo aqueles voltados para os valores espirituais; corrosão do sustentáculo político; tentativa de penetrar nas Forças Armadas — foi indispensável retomar o processo revolucionário pelo fortalecimento do Executivo.

Não era possível permitir a autodestruição da democracia, em nome da própria democracia. As leis são feitas para defender os superiores interesses da comunidade nacional, nunca para permitir a implantação de regimes contrários às tradições e às origens brasileiras.

O Ato Institucional nº 5 foi o instrumento de força legal — direito de fato gerado pela Revolução Vitoriosa, que permitirá ao Governo conter as investidas revanchistas e partir para um desenvolvimento célere.

Estejam todos tranqüilos. *Todos os que nada devem.* Os que não subvertem a ordem. Os que não se corromperam. Os que não prejudicam o povo. Os que ajudam na construção da grandeza do Brasil. Os que auxiliam os pobres a emergir das condições subumanas em que estão mergulhados. Os que ajudam na construção da grandeza do Brasil. Os que ajudam na luta contra a miséria. Os de boa-vontade. Os bons. Os patriotas.

Este é um Governo ao gosto e ao estilo brasileiros. *Que não almeja e nem tolera a ditadura. Mas que usará a força todas as vezes que a força for necessária e útil aos interesses maiores da nacionalidade.*

Com ela será mais fácil ao Governo vencer as últimas resistências da inflação. Poderá melhor revigorar o setor privado da economia. Terá melhores condições para atacar as necessidades imprescindíveis de tecnologia, ciência e educação. Possuirá maiores recursos para resolver todos os demais problemas brasileiros.

Em contrapartida, o Governo está ciente e consciente de que assume maiores responsabilidades diante da Nação Brasileira.

#### CAMARADAS DO EXÉRCITO, DA MARINHA E DA AERONÁUTICA

Estas foram as considerações que julguei do meu dever recordar convosco, aproveitando esta reunião tão simpática.

Sou o vosso chefe supremo — o Chefe Supremo da Revolução — e sempre que necessário, como agora, tornarei a convocar-vos para missões revolucionárias.

Conto com o vosso apoio. Com a vossa vigilância. Com a vossa firme determinação. Com a vossa disciplina. Com o vosso patriotismo.

Como Presidente da República e Comandante Constitucional das Forças Armadas, recebo e agradeço a homenagem honrosa de presidir a esta Festa.

Aproveito a oportunidade para desejar a vós e aos vossos familiares paz e felicidade no ano de 1969.